

B. N. L.

15062

L.

DE PASCOAES

3

O DOIDO ==  
== E A MORTE

Edição da  
Renascença Portuguesa  
Pôrto - 1912



16  
3172021A



O DOIDO ———  
——— E A MORTE

55-888



135675

OBRAS DO AUTOR

*Sempre*—1897

*Terra Prohibida*—1899

*Sempre* (2.<sup>a</sup> edição)—1902

*Jesus e Pan*—1903

*Para a Luz*—1904

*Vida Etherea*—1906

*As Sombras*—1907

*Senhora da Noite*—1908

*Marános*—1911

*Regresso ao Paraiso*—1912

*O Espírito Lusitano ou o Saudosismo*—1912

L. 35720<sup>12</sup> P.  
TEIXEIRA DE PASCOAS

L.

~~13562~~

# O DOIDO E A MORTE



Edição da  
*Renascença Portuguesa*  
Pôrto - 1913

Impresso em Fevereiro de 1913  
na Tipografia Costa Carregal,  
trav. Passos Manuel, 27 - Pôrto.

L.  
~~13562~~

A Philéas Lebesgue

Era uma fria noite de Natal.  
Já no zenith a lua derramava  
A sua palidez misteriosa,  
Transfigurando as cousas que se mostram  
Na sombra, com seus gestos de Phantasma  
E atitudes de estranha Aparição...

Nos solitarios longes montanhosos  
A nevoa e o luar, chimericos, deliam  
A moribunda face da Paisagem...  
E esta, por um milagre e encantamento,  
Se espiritualisava, convertendo-se  
Em Figuras de sonho, aéreos Corpos...  
E eram perfis de Fadas espreitando,  
Asas de Serafins que, no seu vôo,  
Pareciam levar alguma Virgem...

A aragem fria e fina arripiava  
As arvor's e os nocturnos viandantes,  
E retocava o brilho das estrelas.

Os pinheiros gemiam surdamente;

E na face das pedras espelhada,  
O luar abria n'um sorriso triste.

Vultos negros, opácos de penedos  
Erguiam-se somnanbulos e mudos  
No crepusculo, e olhavam como Esphinges...

O Silencio reinava: era o Senhor  
Da noite e da paisagem, e o seu Reino  
Para além das estrelas se estendia...

Por um longo caminho esbranquiçado,  
Entre pinhaes sombrios e confusos,  
A Morte cavalgava a largo trote.

As patas espectraes do seu Cavalo  
Ouviam-se bater na terra dura  
E sonora que o gêlo trespassava.

E aquele ruido sêco, difundindo-se  
Na merencoria lividez do ceu,  
O ensombrava de lagrimas e mêdos...

E figurava o ar a feia Morte,  
Envolta n'uma tunica de sombra,  
Segurando na mão, só feita de ossos,  
A Fouce, em cuja lamina lusente  
Se espelhava o luar...

Seus fundos olhos  
Encovados, volvidos para dentro,  
Eram poços de treva, onde os morcêgos,  
As estrellas, as arvores, as nuvens,  
Iam ver sua imagem reflectida.

Os passaros nocturnos, celebrando  
A Noite nos seus cantos agoireiros,  
Esvoaçavam de encontro áquelas orbitas



Vasias, descarnadas: dois buracos  
Apagados de luz, sêcos de lágrimas,  
Sobre um aberto riso empedernido.

E a Morte cavalgava a largo trote,  
Por um ermo caminho esbranquiçado,  
No arrepio da Noite e do Misterio...

O vento fino e frio maguava  
As arvores, fazendo fluctuar

A tunica da Morte que envolvia  
Seu corpo de esqueleto e as largas ancas  
Do seu Cavalo, cuja sombra inquieta  
É nervosa manchava a estrada clara.

E atravessava agora um indeciso  
Planalto, em formas vagas, emergindo  
Da cerração nocturna dos pinhaes.

As arvores fugiram... Simplesmente  
Um rasteirinho tójo agreste e bravo  
Vestia de humildade aquela terra.  
Nas suas hastes lirtas e espinhosas,  
Aqui, além, por toda a parte, enfim,  
Gôtas de orvalho, vivas, acordavam...  
E em seus liquidos seios de esplendor,  
Presentia-se a lua encarcerada  
Mostrando a face animica e divina.

N'esta alfitude o Vento, embrandecendo,  
Era uma sombra alada... E a lua, a prumo,  
Fulgia sobre a Morte que alongava  
Os olhos pelo túrbido horizonte  
Mais delido no céu e mais longinquo,  
D'uma materia feita de chimera...

De vez em quando, ouvia-se um confuso,  
Surdo rolar de rochas que desciam  
Dos outeiros ás margens dos regatos;  
Iam matar a sêde secular  
Que lhes ficou dos tempos em que fôram  
Raios de estrela florescendo a Lua.

E vinham na asa múrmura da aragem  
Bater de palmas, risos de cristal,  
Rasgando agudas fendas no Silencio.  
Eram Bruxas malditas, pobres Ninfas,

Amantes do Demonio em vez de Pan ;  
Amam a noite triste e os êrmos sitios...  
Trocaram seu antigo amor divino  
Pela ironia escura e demoniaca;  
E as florestas sagradas e o sol claro  
Pelos bócos profundos, pela noite,  
Pelos silvaes espêssos e aguas êrmas  
Que a sombra torna lividas e mortas,  
E onde as cousas nocturnas se reflectem  
Desmaterialisadas, redusidas  
Ao seu simples e animico esqueleto...

E outras Bruxas, em bandos luarentos,  
Passavam, no ar, dançando em turbilhão  
Com alados Demonios coruscantes...

E o Mêdo, avô remoto de Phantasmas,  
Sombra ancestral de Deus e da Piedade,  
Condensava o luar em frias lagrimas,  
Marmorisava os fluidos Longes vagos...

As Figuras da Noite, as Criaturas  
Do nosso Pensamento, despertavam  
Mal ouviam trotar a Morte... E a lâmina  
Da sua Fouce ia, em curva, pelo céu  
De horisonte a horisonte; e a sua túnica  
Parecia manchar toda a Paisagem...

Subito, a Morte soffreou as redeas  
Do Cavallo-Phantasma em que montava,  
Estacando no meio do planalto.  
E a sua sombra morta se tornou  
Imovel, negra sobre a terra branca  
E sonora e marmorea do caminho.

Surgira, d'improviso, um vulto humano  
Ante o vulto chimerico e fatidico

Da Amazona da Noite que escondêra,  
Na tunica de outomno e de crepusculo,  
O rôsto de caveira, onde o luar  
Batia, como sobre um frio marmore.

E antes que ela falásse, aquele Vulto  
Soltou no ar sombrio, uma risada;  
E o Echo, estremunhando, repetiu-a,  
E foi, de vale em vale, desfazer-se,  
Cinza de som, na cinza da Distancia.

E ela, irada, agitando a relusente  
Fouce cruel, gritou: "Quem és? Quem és?  
Mas quem se atreve assim a rir da Morte?"

"—Eu—este doido espirito que ri...

"Gosto, ás vezes, de rir, nas horas mortas...  
E de sentir o riso humedecido  
Das lagrimas das cousas que murmuram  
Escuros, demoniacos segrêdos...  
Doído que sou, meu riso é de alegria...  
Vae através da noite, em alvorôço;  
E logo acorda as Almas, e revela  
Vultos, Perfis, Figuras perpassando  
Em turbilhão, nos ares... borbordinhos  
De invisiveis espiritos sem nome...  
Os ventos que o meu rir desencadeia!

"Foi á luz do meu riso lampejante  
Que teu vulto nocturno conquistou  
Este rumor e sombra que é Presença..."

E a Amazona da Noite: "Pois é certo  
Que o riso doido grava no silencio  
Imagens que têm alma e vida propria?"

“—E’ certo que, ao beijar-me a tua sombra,  
Ela se fez em riso nos meus labios...

“E’s a fonte sinistra do meu riso...

“E o meu riso te veste de apparencias...”

“—São escuras palavras... não entendo.  
Eu quero conhecer-te. Quem és tu?”

“—Mas eu não sei quem sou. Nunca me vi.  
O nosso olhar, mal nasce, bate as asas,  
E não regressa mais ao lar paterno...  
Leva consigo a imagem verdadeira  
Das cousas, viva imagem transcendente,  
Que a lagrima final, já d’além-mundo,  
Reflecte em sua esfera de agonia.

“Ah, se, ao menos, pudesse ver a imagem,  
Phantastica de bruma, que projecto  
Nos teus olhos que as lagrimas abriram  
Em marmoreas angustias, pétreas dôres?

“Teus olhos são esphingicos: devoram!

“Não sei quem sou, não sei... Mas que m’importa?

“Meu gosto é rir, de noite, no silencio...”

E outra vez, o nocturno Viandante  
Encheu de riso o espaço e o luar extatico:  
A debil luz anémica embebendo-se  
Em sol de primavera e de loucura.

“—Não me conheces, não. Se tu soubesses  
A quem falas, o riso dos teus labios  
Caíria gelado n’uma lagrima.

"Não me conheces, não. Tu nunca viste,  
De perto, a minha Fouce," acrescentou  
A Morte, n'uma voz de irrealidade  
E de halucinação e de chimera  
Que os Echos, nem de leve, repetiram.

"— Enganas-te. Conheço-te. De balde  
Escondêste nas dobras do teu manto  
O rôsto cadaverico e as falanges  
Que seguram as redeas que dirigem  
Teu Cavalo-Phantasma, irmão do Vento.

"Ignoras o relêvo e a nitidez  
Espelhenta dos ossos ao luar...  
E conheço-te mesmo pela Fouce  
Que ceifa a seara humana e as outras searas...  
E' assim, com esse aspecto, que apareces,  
Em publico, pintada nos paineis."

A Morte silenciosa desvendou  
A descarnada e lúgubre Figura,  
Emudecida e triste contemplando  
Aquela vida humana que, a um seu gesto,  
Subito, baixaria á eterna sombra.,

E disse logo o Doido com espanto:

"Ah, sim, tu ris tambem... mas esse riso  
E' riso aberto em pedra... quem o ouve?..."

"Um riso todo feito de silencio..."

"— Um dia, os teus ouvidos hão de ouvi-lo;  
E verás a alegria que ele espalha  
Nas almas, já libertas, a voar..."

"— Eu conheço o teu riso; nos meus labios

E' apenas um sorriso; vem de longe;  
Perde o vigor ardente no caminho...  
O sorriso dos labios não é mais  
Que um palido luar, um arremêdo  
Do grande riso eterno da caveira.

"Mas eu amo outro riso,—o que desperta  
As almas, os espiritos da Noite:  
O que trespassa a treva de esplendor,  
E se ouve no infinito e é luz de estrela."

E, de novo, o silencio se interpôz  
Entre a Morte divina e o Sêr humano.

Vinham dos pinheiraes sussurros vagos,  
Prêsos na asa da aragem... orações  
Que as cousas êrmas rezam à Saudade:  
Virgem do Novo Crédo amanhecendo,  
Em seu altar de lagrimas e risos,  
Erigido no Templo da noss'Alma,  
E no Templo mais vasto da Natura  
De arboriformes naves verdejantes.

Apparições dos êrmos ao luar,  
Pêfis occultos de Almas já sem corpo,  
Almas ainda sonhando a Forma viva;  
As Figuras da Noite rodeavam  
A Morte e o seu Cavallo, egual áqueles  
Que sentiram, outrora, as mãos de Apolo.

Tudo era sonho e vida em tórno á Morte.

E eis que ela exclama então: „Dize o meu nome;  
Dize o meu nome, vá, se me conheces..."

E responde o nocturno Viandante:

"Eu sei bem o teu nome. Quantas vezes,

Em igneas, vivas letras de oiro, fulge  
Perante o meu espirito de amor.

“E quem te baptisou? Meu coração.  
De agua lustral banhou-te a negra fronte...  
E sua voz anciosa, nomeando-te,  
Roubou assim a morte á propria morte.

“Eu sei tirar das cousas o seu intimo  
Signal harmonioso, a sua forma  
Transcendente e verbal, que é seu espirito...

“A harmoniosa imagem desprendida,  
Já liberta das Cousas, vem morrer  
Nos meus ouvidos de alma... e ali renasce...  
E ei-la Canção. O Verbo é o meu Delirio:  
Passo a vida a cantar por estes êrmos...”

E a Morte, surpreendida, assim lhe disse:

“Em ti, fala o delirio, a exaltação,  
Que só meu tenebroso olliar acalma.

“A Vida é o anormal, o excesso, a febre;  
A Vida é uma doença, uma velhice  
Dos mundos: o seu fim. Odeio a Vida;  
Ela está fóra já das leis de Deus.

“Mas quem sou eu, quem sou, ao pé de ti?  
—Sou a Razão ao lado da Loucura...  
Vê que distancia imensa nos sepára...”

Sumiu-se a voz da Morte que ficou  
Pensativa ao luar... Depois, n'um gesto  
Esqueletico e duro, repousando  
Nas ancas do Cavallo a mão direita

Acariciadôra e descarnada,  
Novamente falou ao viandante:

“Mas, enfim, ha distancias que aproximam.  
E não te oculto mais a simpatia  
Que já por ti eu sinto, muito embora  
Os Destinos e os Fados me proibam  
Qualquer dôce fraquêsa ou sentimento  
Que possam, por ventura, humanisar-me.

“Tua voz me persegue... e até parece  
Amolecer, fundir a dura pedra  
De que meus ossos gélidos são feitos...

“Embrandeceu-me de alma a tua voz...

“Apegaste-me a vida... o mal que soffres...”

A Morte, pronunciando estas palavras,  
Conservára-se imovel: seu Cavalo  
Era uma estatua, um marmore de sombra.

E o Louco, de cabelo desgrenhado  
Que o luar, como o tempo, prateava,  
Vestia com a aurora dos seus olhos  
A Amazona da Noite. E, n'um delirio  
Os braços lhe estendeu, e assim lhe disse:

“Tu és a Morte; és a Mulher, portanto.  
Desce do teu Cavalo e vem comigo,  
Porque o Desejo corre no meu sangue!

“Ó Morte, vem comigo! Sobre a terra  
Vagueia o corpo em flôr do nosso Idilio...  
Ah, sim, o nosso idilio é anterior  
Às nossas proprias almas. Desde a origem  
Que ele anda pelo mundo e nos procura.

"Ó Morte, vem comigo! Eu sou a Vida!  
Entrega-te aos meus braços! Quero amar  
Esse corpo de Espectro. Que os meus beijos  
Pousem, a arder, na tua bocca esparsa  
Em nevoa e condensada em frio marmore!"

N'um movimento rápido e gentil,  
Apeou-se a Morte; e, subito, entre as urzes,  
A larga Fouce tragica escondêra.  
E logo o seu Cavallo, em liberdade,  
Começou a pastar as invisiveis  
Ervinhas, transcendentas florescencias  
Que à luz da lua crescem e germinam,  
Onde é mais viva a terra e mais sensivel,  
E a humidade é de lagrima chorada.

"Eis aqui tua Dama," murmurou  
A Morte comovida, oferecendo-lhe,  
A definhada mão gelada e branca,  
E cravando nos olhos amorosos  
Da creatura humana a escuridão  
Das suas fundas orbitas vasias.

Era a Parca fitando Apolo; a Noite  
Os braços estendendo com luxúria  
Ao Sol formoso, ardente e juvenil.

E, n'um grande delirio voluptuoso,  
O Doido vagabundo, em suas mãos  
Tomou, beijando-a, a fria mão da Morte.

E, ollhae! em vez do gélido contacto  
D'uma ossada, sentiu tocar-lhe os labios  
A carne viva, quente, apetedida!

Caiu aos pés da Morte a sua tunica:  
E a repentina luz d'um corpo em flôr.

Beijou-lhe os olhos ávidos, acêso,  
Onde o Desejo ardia e fumegava.

E o Doido balbuciou: "Não és a Morte;  
É's a Mulher, a Vida, a Primavera,  
Obra de encantamento e de milagre!

"Tua sombra é luar de formosura..."

Vinham agora nitidas no vento  
As risadas maleficas das Bruxas  
E o sussurro das aguas nos açudes.  
Qual sonho já sonhado, branca nuvem  
Entremostrava os falecidos seios,  
E a bocca fria e morta, n'um sorriso...  
E figurando o ar saudoso e triste,  
Perfis misteriosos palpitavam  
Através da penumbra alumiada.  
E as aves agoireiras, na embriaguês  
Da sombra que, em seus peitos, se embebia,  
Voavam cantando sobre os dois Amantes.

E agora o Doido e a Morte apaixonados,  
De mãos dadas, erravam, no planalto,  
Entre o luar e a noite, o ceu e a terra...

E dizia-lhe o Doido: "És a Mulher  
Disfarçada n'um lúgubre esqueleto,  
Cavalgando através das noites claras...  
Amedrontas os homens que te vêm;  
Mas a mim, que sou Doido, revelaste  
O teu misterio que, afinal, é a vida.

"Deante de mim, tiraste aquela máscara  
Que ri perpetuamente; caiu-te aos pés  
A tunica de nevoa e de crepusculo;  
E os meus olhos então amanheceram

Sobre esse belo corpo resurgindo  
Do seu nocturno tumulto brumoso..”

E a Morte: “A faúla viva crepitou  
Na cinza fria e morta que o Delírio  
Espalha aos quatro ventos da Emoção.

“Eu amo os Doidos, sim, porque a Loucura  
É o desencantamento do meu sêr,  
Reduz-me ao meu sentido verdadeiro..”

“—Adoro a Morte só porque é Donzela!  
Na tua mão direita que, inda ha pouco,  
Brandia a Fouce tragica de sombra,  
Floresce um lírio branco; e a luz da lua,  
Tocando-te na frente, é virgindade:  
Beijo... lágrima esparsa... veu de noiva...

“Tu és Venus, ó Morte. Os Amorzinhos  
Em tórno do teu vulto, alegres, vôam...  
Vejo, na terra, o abril sob os teus pés,  
Embriagam o Azul perfumes misticos...  
O luar, ao pousar, nas tuas mãos,  
Dir-se-á que se converte em pombas brancas.

“E a nevva sobe como insenso, e vem  
Na tua direção: é um sacrificio  
A' Deusa que tu és... A Naturêsa  
Arde no fogo eterno dos teus olhos:  
As suas labarêdas são folhagens,  
Faulas, soltas no ar, os passarinhos,  
E o sonho humano é cinza derramada...”

E assim diz a Donzela: “Vês o Amôr  
Ondê outros vêm a Morte... Eis o Milagre!  
Tu vês na Morte o Amôr... E quantas almas,

Embora eu fôsse o Amôr como tu dizes,  
Veriam sempre em mim a negra Morte!„

E diz o Doido: “Eu sou a Criatura  
Que vive, a sós, cantando pelos montes,  
É subo aos altos pincares cantando...  
Canto os Beijos e os ultimos Suspiros;  
Canto a Morte tambem, porque ela vive,  
Deante dos meus olhos, e é Mulher.

“E sinto que em meus cantos se reflectem  
As falecidas cousas que se animam,  
E vão subindo ao céu na minha voz.

“Vive dentro de mim um rouxinol  
Que espreita a luz do luar pelos meus olhos  
E canta nos meus labios toda a noite.

“Vivo a cantar porque não caibo em mim;  
Porque me excedo e subo muito acima  
Da altitude a que fica o meu espirito.

“E vae a minha vida no meu canto...  
E, fóra do meu corpo, se condensa  
Em Figuras viventes que me falam.

“Meu canto diz aos mortos: Resurgi!  
E eis que eles resuscitam. Diz ás cousas  
Brutas; amae, choraes! E eis que elas choram.

“Sou doido... Só passeio em sitios êrmos,  
Através dos pinhaes, á luz da lua  
Que traz, no seu palôr, delidas manchas  
De phantasticos montes e desertos,  
Silencios de outro mundo, soledades  
De paisagens defuntas que o Remoto,  
Com suas mãos de sombra, amortalhou.

"Amo o Silencio, o Luar, a Solidão...  
Sim, porque sei falar ao meu espirito  
Que me fala e contempla... e é outro Sêr...

"O ruído e o sol o Espirito afugentam.

"O creador das almas foi aquele  
Primeiro corpo erguido contra a luz...

"O espirito amoroso é irmão da Sombra...

"Eis porque adoro a Morte, sendo humano."

E a Donzela responde: "Este desejo  
Que me incendeia os ossos revestidos  
Da luz do teu olhar, a qual se fez  
Rubôr de carne viva, aneio de alma,  
— Este Desejo a arder que me aproxima  
De ti, é a tua sombra... nada mais...  
Pois que sou em mim propria? O teu amor."

E o Doido: "E em mim que sou? Esta Aparência,  
Vago Luar que vem de longe, errante  
Figuração de sonho sobre a terra...  
Só a tua Presença me define  
E abraça em claras formas de relêvo.  
A luz do meu espirito, incidindo  
Sobre o teu sêr-phantasma, é já visível:  
Em ti, é claridade que alumia...  
E os meus olhos fizeram-se fecundos,  
E eu vejo o Amor, a Vida... o meu delírio:  
Esta sombra espectral que se interpõe  
Entre o meu sêr e as outras criaturas,  
Transfigurando imagens, formas, vultos,  
Que se tornam cahóticos, genesicos,  
Concebendo, na Sombra, um novo Ritmo..."

E a nocturna e phantastica Donzela,  
Encantada, nevoenta de voluptia,  
Sentia-se animada pela estranha  
Loucura, fogo animico e amoroso  
Que dos olhos do Doido se exalava  
Envolto em tôrva luz visionaria.

Era a terra queimada pelo incendio  
Canicular, beijando o orvalho fresco:  
A propria dôr da noite caida em lagrima...

"—Que mudanças soffri! Nem me conheço  
Desde que te encontrei! Meu esqueleto  
De viva carne em flôr se revestiu:  
Assim o musgo cresce n'uma rocha,  
Diluindo-lhe as nitidas arestas,  
Sua bruta dureza enternecendo.

"Nos buracos horriveis dos meus olhos  
Duas meninas, rindo, se debruçam:  
Duas formosas noivas radiosas...  
E no gélido vacuo do meu peito  
Fez-se um calor de sol; a Primavera  
Corre nas minhas veias, já floresce  
Este barro de sombra que é meu corpo.

"Ah, sim, eu desconheço-me! Não sou  
Quem fui! Não sou a Morte: sou o Amor.  
Que é da morte que fui? Onde está ela?

"Ó Loucura magnifica! Delirio!  
Ó Vida que as estrelas incendeias  
E abres, falando, ouvidos nos rochedos!  
Deus é o Doido suprêmo! Olhae a terra  
Inda mostrando a sombra desvairada  
Desse antigo e divino Pesadêlo:

Assim a pedra rustica dum lar  
Mostra a amorosa mão que a trabalhou.

"Tua vida não vive em ti sómente;  
Vive além do teu sêr; talvez alcance  
Vagos mundos remotos e perdidos...  
Quem sabe as creaturas que te vêm  
De infinitas distancias e que choram  
Se uma lagrima inunda o teu cantar?...

"Eu, que era a Morte, a fria Indiferença,  
Insensibilizando as creaturas  
Em que pousava a minha mão fatidica;  
Eu que vivia, enfim, a minha morte  
Assim como tu vives tua vida,  
— Ouvindo-te falar, deixei de ser  
O Esqueleto-Phantasma que apavora  
Tudo quanto é sensível e vivente,  
Para ser a Mulher, o Encanto, a Flôr,  
Venus, ébria de sol, fitando o Sol...

"Sou a tua Loucura feita Virgem;  
Teu Sonho feito Corpo; a tua Sombra,  
Até aqui negra e morta sobre a terra,  
N'este instante, de pé, reanimada,  
Cheia de luz, falando-te e sorrindo.

"Se és um doido cantando pelo mundo,  
Sou a tua Canção..."

E o Doido errante:

"És a minha canção... por isso mesmo  
Tu és *alguem* que eu sinto ao pé de mim;  
Vejo, ao luar, a sombra que tu fazes!..."

E acrescentou depois, olhando, ao longe,

Chimericos esbôços de montanhas,  
Cêrros d'além do mundo, nevoas mortas,  
A Saudade alongando-se em Paisagem:

"Todas as cousas êrmas que o crepusculo  
Deixa entrevêr, são cantos que eu cantei;  
Pousaram, por instantes, na minh'alma...

"Olha este ramo de urze rasteirinho,  
E aquele scintilante orvalho vivo,  
E aquela rocha de perfil esplingico...  
Fôram cantos, outrora, nos meus labios,  
Lagrimas nos meus olhos... E, depois,  
Não sei porque terrivel maldição,  
Ei-os cristalisadas, fulminadas  
Apparencias de inercia e de brutêsa!

"Talvêz (quem sabe?) a maldição terrivel  
Que a resurgida Euridice, de novo,  
Em morta Sombra fria converteu!

"A maldição que vae na luz do olhar,  
E mata, sem piedade, o nosso amôr:  
A creatura amada que nós vêmos  
Nascer viva das ondas da Harmonia,  
Como Venus das ondas oceanicas.

"Ai d'aqueles que, um dia, contemplaram  
A creatura amada, face a face!

"Ai de ti, ai de ti, divino Orfeu!  
Lira desencantada e redusida  
A uma cruz de penumbra e de silencio..."

E o Doido continuou, mas brando e triste:

"Quando me deito á sombra d'um rochedo

Ou á sombra mais leve d'uma nuvem,  
Eis que ela pousa logo em meus ouvidos  
Harmoniosa da canção que foi...

"Sim: na imagem extatica das Cousas  
Repercute-se ainda vagamente  
O cantico gerado em meu espirito...

"Vejo Saudade e Euridice... Perpassam  
Na neblina que a vista, enfraquecendo,  
Ergue nos ensombrados, êrmos longes.

"E sempre que a Saudade se aproxima  
De Euridice, alta Sombra de belêsa,  
Esta quasi resurge; e, no seu rosto,  
Vago, sanguineo alvôr, sorrindo, aflora.

"Ó silencio dos Êrmos! Ó meu canto,  
Perdido e morto, em mim, revive! Aquece  
Os troncos esqueléticos das arvores,  
A noite fria n'um suor de estrelas!  
Anima a luz do luar... Que a tua voz  
Lhe afogueie o sorriso arrefecido."

E volvendo á Donzela o Doido errante  
Os olhos, onde a imagem da Loucura  
Tinha a trança revôlta e a face pálida:

"Quizera vêr teu busto á luz do sol;  
A luz viva que sabe definir,  
Beijando-as, com amor, as formas finas  
Da Carne e do Desejo, e lhes insufla  
A côr primaveril, o sangue, a rosa..."

E a Morte lhe dizia como em sonhos:

"Não chames pelo sol: é desencanto.

O sol apaga as Almas quando nasce;  
Ele não ama o teu delírio... e odeia-me...  
E o luar nos protege: é nosso amigo.  
Seu místico sorriso é encantamento  
E resplendor de espírito que anima  
Corpos mortos de nevoa... Aparições...

"Sou a tua Canção imorredora,  
Eternamente alada, fluida e viva!

"Sou a tua canção. Que o meu passado  
Não me torne a empecer e a atormentar.

"Vivas seáras sem fim de creaturas  
Ceifei, cantando, só para entreter  
Meu doloroso esforço e meu suor.  
Mas escondi a Fouce: que a ferrugem,  
Que o tempo lhe embrandeça o fino gume,  
Sequioso de lágrimas e sangue.

"Ceifei; mas quero agora semear.  
E já não murcha as flôres o meu beijo,  
Nem põe noções nos olhos das estrelas.

"Meu beijo agora é o beijo nupcial:  
Gota de orvalho comungando o Sol,  
A lagrima que tem o Sol no peito.

"Meu beijo é o beijo ideal da Renascença,  
Partindo, como um raio, os frios marmores  
Dos tumulos de Pan e de Jesus!"

E a Morte e o Doido, extáticos, falaram  
Durante muito tempo: Ele, embebido  
Em seu profundo e vago pensamento  
Que de infinito amor lhe mascarava  
A cousa contemplada, de maneira

Que tudo o que ele via sobre a terra  
Tinha o perfil da sua comoção,  
Tinha a própria figura da sua alma.

Era o signal divino da Loucura...

Ela, a Donzela Morte, embriagada  
Por um calor de vida florescente,  
Engrinaldando em rosas e desejos  
Seus resequidos ossos insensíveis.

Falaram muito tempo... E bem se via  
Que a voz humana os echos estremunha,  
Que a voz da morte os echos adormece...

A Lua anoitecêra... No horisonte  
Alvorava através de brancas nuvens  
Frio sorriso de oiro e de tristêsa.  
Dir-se-ia que a paisagem se firmava  
Em seus aspectos nitidos, erguendo,  
No ar, as formas quasi definidas.

E, súbito, a Donzela misteriosa,  
Do seu profundo sonho despertando,  
Beijou na face o Doido; e assim lhe disse:

"É o meu ultimo beijo; não o esqueças.  
Lembra-te d'ele sempre até chegar  
A hora da tua morte... o meu instante."

"—Que dizes tu? Vaes-me deixar, acaso?"

E o Doido estremeceu, sentiu pousar-lhe  
Na fronte sonhadora, aquela neve  
Que desgasta a belêsa, o sonho, a graça,  
Roendo a flôr da carne, anoitecendo

A harmoniosa luz das linhas puras,  
Desencantando as formas, redusindo-as  
Á sêca, esteril cinza da Verdade.

E a Morte, ao afastar-se, respondeu:

“Que hei de fazer? Cumprir o meu fadario.  
Antes de haver, no mundo, o teu delirio,  
Eu existia já, tu comprehendes?”

“— Tu és agora, o amôr, a vida, enfim!”

“Dizes *agora*, mas eu digo *outrora*.  
Volto ao que fui, ouviste? Eis o Destino.”

E o Doido n'um espanto: “D'onde vinhas  
Quando chegaste ao pé de mim? Responde!  
E agora aonde vaes tu? Qual o teu rumo?”

A Morte, já a cavalo, segurando  
Na mão, a velha Fouce relusente,  
Olhae! a propria aurora reflectindo...  
Reintegrada, de novo, no seu funebre  
Esqueleto que um manto de crepusculo  
Em mortuarias dobras envolvia,  
Na sua voz de Espectro, murmurou:

“Vim de fechar os olhos a uma Virgem;  
Vou apagar os olhos d'uma estrêla.”

E o Doido viu a Morte e o seu eterno  
Riso rasgado em marmor de sarcasmo,  
Ocultar-se na branca e fria nevoa  
Que, ao receber, no seio, aquele Espectro,  
Como que cheia de agua, escureceu.

E riu tambem na luz da madrugada...

E o seu riso, tocando as cousas mortas,  
Não era luz que acorda, mas penumbra  
De esquecimento, inercia, indiferença.

E o Doido então cantou aos quatro ventos:

“Tive nos braços a Morte.  
Tu bem viste,  
Noite triste!  
Tu nos beijaste a ambos, vento norte!  
Teu beijo nos casou.  
Pôz-te o luar na frente a branca flôr,  
Ó meu amor,  
Que a luz da aurora me roubou!

Tive a Morte nos braços, ó Loucura!  
Que lindo corpo gentil!  
Seu Phantasma era um abrill,  
Seus ossos eram feitos de ternura!

E ri, de noite; e o meu riso  
Na sombra do ar chorava...  
E tudo abria os olhos e falava...  
A noite é como o *dia do juizo!*

Vi Mortos resurgidos,  
Mostrando a carne em flôr sobre o esqueleto,  
Quando o frio crepusculo se espalha,  
E os môchos piam nos pinhaes tranzidos  
De terror secreto,  
E a dôr, suspensa no ar, a terra orvalha...

E eu ri de noite. E fiz mais:  
Bebi o riso na origem,  
Nesses labios espectraes  
Da Morte Virgem!  
Vi o riso verdadeiro,

O riso desmascarado;  
Não esse riso envolto em nevoeiro,  
Amortalhado...  
Mas o riso—relampago fendendo  
A nossa magua,  
E revolvendo,  
O' lagrimas de dôr, teus seios de agua!

Vi o riso que alumia  
O nosso fim...  
O cirio eterno a arder ao pé da cova,  
A eterna flôr do edenico jardim:  
A luz do dia,  
Sempre nova.

E ri na cara da Morte,  
Ó vento norte,  
O riso que ela me deu!  
E de traz d'um rochedo,  
Ergueu-se o vulto pálido do Mêdo...  
Que frio gesto e lugubre estatura  
Ébria de ceu,  
Somnambula de Altura...

E vi o fundo ao Riso. A minha dôr  
Tocou-lhe o fundo. E vi de perto, então,  
A sombra inicial da Creação,  
A luz final do Amor!

E eu ri na noite triste! E á luz da aurora,  
O meu sorriso empalidece e treme,  
E geme  
E chora:  
Assim uma candeia  
Brilha na sombra, e, triste, bruxuleia  
A' luz do sol tão forte,  
Que ás outras pobres luzes traz a morte.

E o dia vem nascendo... Que tristêsa!  
Manhã cinzenta e baça!  
Como perde a paisagem a belêsa:  
A penumbra que a veste, e é sonho e graça...

Adeus, ó Morte, ó velha irmã  
Da sombra, do silencio e do luar...  
Ó frio desencanto da manhã!  
Já vejo naufragar,  
Na voragem da aurora, o meu cantar!  
Ó claridade!  
Ó sol! Ó sol! Aparições do Ruido!  
Movimento desmedido!  
Poeira humana... Actividade!

Levou-me a luz do dia o que me trouxe  
A noite, a solidão, a luz do luar...  
E a Morte, que em meus braços foi Donzela  
E corpo de beijar,  
Pegou da fria Fouce  
Saltou ligeira, rindo, á dura séla  
E foi ceifar, ceifar!

E enquanto o Doido ao vento assim cantava,  
Trotava a Morte ao longo do planalto,  
Na meia luz, na meia realidade...  
E a sombra da sua Fouce, em negra curva,  
Ia da aurora ao poente; e a do seu corpo,  
Parecia manchar toda a Paisagem.

Ficára a sós o Doido e a sua vida;  
E tres noites cantou aquela estranha,  
Milagrosa aventura que, depois,  
O Imaginar do Povo consagrou  
N'esta Lenda, em que a noite e a luz do sol,

A vida e a morte, as lagrimas e os beijos,  
São como a propria Sombra da Saudade.

E ele viu, através do seu delirio,  
Pela primeira vez, sua figura  
Enigmatica, occulta, transcendente...  
Viu que existia n'ele um outro sêr:  
O que domina as trevas e possui  
Sempiterna Presença Espiritual...  
Parte da sua vida inominada  
Que não é propriamente a sua vida,  
E constitue as vagas e remotas  
Fronteiras da sua alma que se perde,  
Em humildade e amor, na luz de Deus.

Sim: foi a Morte, foi, que lhe mostrou  
O que havia de belo e de perfeito  
Na sua escura e misera existencia,  
Com esse gesto descarnado e gélido  
Que os sorrisos apaga e que amortece  
Todas as vãs palavras e ironias,  
Derramando nas Cousas esta sombra  
Infinita e profunda que se chama  
Seriedade, Religião, Misterio...

Novembro de 1912.

## Biblioteca da RENASCENÇA PORTUGUESA

- A Águia – Revista mensal.  
A Vida Portuguesa – Quinzenário.  
A Evocação da Vida – *Augusto Casimiro*.  
 regresso ao Paraíso – *Teixeira de Pascoaes*.  
Esta História é para os Anjos – *Jaime Cortesão*.  
O Espírito Lusitano ou o Saudosismo – *Teixeira de Pascoaes*.  
A Sinfonia da Tarde – *Jaime Cortesão*.  
O Criacionismo – *Leonardo Coimbra*.  
A Educação dos povos peninsulares – *Ribera y Rovira*.  
Romarias – *António Correia de Oliveira*.  
A Primeira Nau – *Augusto Casimiro*.  
Cintra – *Mário Beirão*.

### NO PRELO:

- Daquem e Dalem Morte (Contos) – *Jaime Cortesão*.  
O Último Lusíada – *Mário Beirão*  
Camilo Inédito – (*Notações de Vila Moura*).  
Só – *António Nobre* (3.<sup>a</sup> edição, com notas).



